

NA ARTE DA CIÊNCIA UMA LITERATURA DO PENSAR. PSICANÁLISE E LITERATURA: QUE ANALOGIA É ESSA?

*Maria Lúcia Castilho Romera
Marcela Maria Borges Leite
Rafael de Melo Costa*

Introdução

O presente trabalho versa sobre as relações que a Psicanálise estabelece com a arte e em especial com a Literatura. Porém, faz-se necessário pensar, anteriormente a esta questão, na própria relação que a Psicanálise estabelece com a Arte e não apenas com a literatura. Nesse sentido, Kon (2005) diz que muitos podem ser os caminhos para se realizar esta análise, como por exemplo, a relação ambígua de Freud com a arte, a possibilidade de uma Psicanálise poética, a importância da cultura para o trabalho de análise, a criação e proliferação das ficções psicanalíticas, dentre outras.

Com o intuito de fazer um breve apanhado sobre a temática será apresentado inicialmente como Freud articula sua produção com a arte em alguns de seus textos. Na sequência, qual o elo comum entre a Psicanálise e a literatura, de acordo com as ideias de Herrmann e Kon. Estes autores que veem na Psicanálise um caráter criador, isto é, “um fazer que tem por função dar existência a algo que não teria vida sem este seu gesto de criação” (TARDIVO, 2008 p. 44).

Freud e a Arte

A arte e a criação imaginativa são temas que ocuparam grande parte das obras de Freud. Além das suas análises literalmente literárias ou de obras artísticas, como por exemplo, Moisés de Michelangelo, o assunto das artes e do ato criador é retomado em grande parte de seus textos em pequenos fragmentos. A impressão é de que Freud, na verdade, nunca delineou de forma clara suas considerações a respeito da arte, ficando esta em sua obra num eterno

entre outras formulações. Como também entre a posição de reveladora das verdades e de ilusão que oculta essa mesma verdade.

Em sua publicação *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1987) compara a atitude necessária para a aplicação do método de interpretação dos sonhos a atitude de criação poética citando a forma como Friedrich Schiller, poeta e filósofo, procederia ao criar. Neste mesmo texto no capítulo V há a aproximação da criação artística dos sonhos com a dos sintomas, tal aproximação também é o tema do texto *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (1907/1987).

Já no texto *Escritores criativos e devaneios* (1908/1987) a criação literária se assemelharia para Freud ao brincar infantil por sua seriedade e tentativa de reajustar o mundo, porém, estaria mais próxima ao devaneio por não estar relacionada com as “coisas visíveis e tangíveis do mundo real” (FREUD, 1908/1987, p. 150). Freud parece optar pela proximidade com o devaneio o que possibilita o delinear de outra postura dele frente aos artistas. Freud começa, portanto, a aproximá-los dos neuróticos, aproximação que deixa clara em seu texto *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância* (1910/1987).

Em seguida nos textos *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911/1987), *Totem e Tabu* (1913/1987) e nas *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1917/1987), Freud encara a criação artística tanto como realização imaginária de desejo como realização realista dos instintos, pois o artista, diferentemente do neurótico ou do psicótico, seria capaz de moldar suas fantasias em realidades aceitas pelas outras pessoas. O artista “através de sua fantasia conseguiria o que originalmente alcançara apenas em sua fantasia — honras, poder e o amor das mulheres”. (FREUD, 1917/1987, p. 439).

No ano de 1925 em *Um estudo autobiográfico* (1925/1987), as obras de arte voltam a se aproximar dos sonhos, seriam elas satisfações imaginárias de desejos inconscientes, assim como os sonhos. Porém eles se diferenciariam no fato que os sonhos são *a-sociais* e as

produções artísticas se dirigem a um público, tendo como funções despertar a compreensão, evocar e satisfazer os mesmos impulsos inconscientes de sua criação em outras pessoas.

Freud (1930/1987), cinco anos depois, no texto *O Mal-Estar da Civilização*, apresenta a arte próxima da religião e da ciência. Após discorrer sobre as formas de se chegar à verdade sobre a alma humana Freud pontua que para tal a ciência utiliza seus métodos científicos e o artista utilizaria os seus próprios sentimentos.

O trançamento de Freud com a produção literária, segundo Sampaio (2004) “deu-se sem que jamais fosse perdido de vista o ideal de cientificidade e um certo ‘programa epistemológico de inspiração positivista’” (p. 809). Freud temia que a Psicanálise fosse considerada uma ficção literária enquanto o seu desejo era de transformá-la em ciência nos moldes como esta se apresentava na época, isto é, embasada no positivismo.

Literatura e Psicanálise: Que analogia é essa?

Para Kon (1996), o estatuto epistemológico da Psicanálise estaria muito mais próximo do logos do mundo estético, o qual rompe dicotomias clássicas como sujeito-objeto, verdade-ficção, corpo-alma, interno-externo do que com a própria concepção de ciência. O que não a impede também de afirmar que “talvez um dos maiores méritos de Freud tenha sido o de não aplicar radicalmente uma diferenciação entre ficção e ciência, cedendo lugar, em sua obra, para a emergência, simultânea, da força constitutiva de saber de ambas.” (KON, 1996, p. 51)

No que tange a aproximação entre a Psicanálise e a Literatura, Herrmann (1999) é categórico ao afirmar que ambas são ficções pelo fato de serem criações humanas. O autor embasa seu pensamento na ideia de que o caráter ficcional encontrado nos casos clínicos freudianos como também nos textos onde há análise da cultura não podem ser encarados apenas como estilo de expressão. Para Herrmann (2002), Freud tratava seus pacientes da maneira como escrevia - como um literato.

Portanto esse pensamento por escrito “afeta os modos de produção e não só os de expressão de nosso saber” (HERRMANN, 2002, p. 15). O método psicanalítico em ação, apreendido por Herrmann (1999) nesse pensamento por escrito de Freud, criaria o objeto de conhecimento de nossa ciência, ou seja, o Homem Psicanalítico. Sendo assim o Homem Psicanalítico “transferencial e descentrado internamente, dividido e múltiplo no íntimo de suas operações, este que aparece na sessão por efeito da ruptura de campo” (p.17) seria uma ficção verdadeira, como o é toda a ficção freudiana.

E é por essa razão que devemos reconhecer os direitos da ficção na Psicanálise, pois se não tivermos isso em mente ficaremos repetindo a teoria freudiana indefinidamente e a Psicanálise não se desenvolverá enquanto ciência geral da psique. A teoria é válida se puder ser colocada em tensão pelo método psicanalítico de forma a se transfigurar e não se desconfigurar. No seu livro *a Psique e o Eu*, Herrmann (1999) afirma:

Vamos deixar clara a idéia: ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular. Ficção é uma hipótese que se deixou frutificar até as últimas conseqüências, antes de decidir sobre sua validade, é um instrumento poderoso de descoberta, mas tende a capturar o investigador, que também é personagem dela, levando-o a crer que sua história é fato. (HERRMANN, 1999, p.18).

Portanto, a Psicanálise seria uma ação que no seu fazer possibilitaria o surgimento de algo até então não considerado (TARDIVO, 2008). Seria assim um conhecimento diferente do produzido pelas ciências regulares, que é linear. Este novo conhecimento reflexivo, interrogativo e interpretativo sinaliza a busca da Psicanálise por um espaço que vai em direção à criação, à ficção e que questiona a cada momento a concepção científica do homem e do mundo. (KON, 2005)

A clínica psicanalítica, por essa perspectiva de criação, sustenta-se muito menos por regras operativas, com a importância que lhes cabem, e sim, muito mais pela encarnação de um método ou uma postura, parafraseando Romera (2002), inventivo-criativa.

Tal postura encarnada permite que tudo seja ouvido dentro de um registro transferencial e que os sentidos que vão tomando as palavras do paciente dentro desse registro sejam alinhavados criando/construindo uma outra narrativa a partir das histórias vividas com cada um de nossos pacientes e na medida exata que a cada um compete. E que no fundo ... é sempre relativo!

Conclusão

Partindo dessa ideia apresentada, acreditamos que a Psicanálise e a Literatura possam, enquanto “lugares”, ser espaços que possibilitem a expressão e conseqüentemente a constituição de novas subjetividades, pois promovem uma abertura que garante ao “sujeito-narrador” o resgate contínuo de sua própria história (MENDES; PRÓCHNO, 2001). Resgate que não seria uma restituição de um passado perdido, mas que implicaria em uma transformação do presente, de tal forma que o passado seria retomado numa não-identidade consigo mesmo.

Utilizando a metáfora freudiana, para Kon (2005) o psicanalista não seria aqui visto como arqueólogo que desvende algo soterrado pela repressão estaria ele como artista utilizando-se da criação. E o saber sobre o Homem alcançado pela Psicanálise estaria muito próximo do que Roland Barthes descreve como próprio da Literatura, que segue:

Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura* [...] a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. [...] A literatura engrena o saber no rolamento da

reflexibilidade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático. (BARTHES, 1977 *apud* KON 2005, p. 16-19).

Por fim, é com o intuito de agir nesta distância de apreensão entre o grosseiro e o sutil, mencionado por Barthes, que ocorre os diálogos entre a Psicanálise e a Literatura. É na busca de compreender o homem em sua complexidade e dinamismo que essas ciências artísticas desenvolvem seus trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos (1900) In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911) In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Totem e Tabu (1913) In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Conferencia XXIII: os caminhos da formação dos sintomas (1916) In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. O Mal-Estar da Civilização (1930) In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

HERRMANN, F. **A Psique e o EU**. São Paulo: Hecyché, 1999.

_____. **A Infância de Adão e Outras Ficções Freudianas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KON, N. **Freud e seu Duplo: reflexões entre a Psicanálise e a Arte**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

_____. Análise como ficção e ficção como análise. **Net**, 2005. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Noemi_Moritz_Kon.pdf>. Acesso em: 03 abril. 2011.

MENDES, E. D.; PROCHNO, C. C. S. C. A ficção e a narrativa na literatura e na psicanálise. In: **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XIX, n. 185, 2006, p. 43-51.

ROMERA, M. L. C. Postura interrogante-interpretante: por quem os sinos dobram???. In: BARONE, L. M.; GIOVANNETTI, A.; HERRMANN, L.; TAFFAREL, M.; ZECCHIN, R. M. (Org.). **O Psicanalista: hoje e amanhã O II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito**, v. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 47-57.

SAMPAIO, C. Freud e a Literatura: fronteiras e atravessamentos In: **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v.38, n.4, 2004, p. 803-817.

TARDIVO, R.C. Da literatura à psicanálise implicada em Lavoura arcaica. In: **Mudanças – Psicologia da Saúde**. São Paulo, v. 16, n. 1, p. 43-50, 2008.

SOBRE OS AUTORES

Maria Lúcia Castilho Romera – Psicanalista, Psicóloga, Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Aplicada-Mestrado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e do Centro de Estudos da Teoria dos Campos. Email: mluciaro@terra.com.br

Marcela Maria Borges Leite - Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Aplicada-Mestrado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU. Email: marcela.m.b.l@bol.com.br

Rafael de Melo Costa - Psicólogo, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia Aplicada-Mestrado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: costa.rafaelmelo@gmail.com